



**TEMA: A – ASSENTAMENTOS HUMANOS**

**PERCEÇÃO DOS MORADORES DE CUIABÁ EM RELAÇÃO  
AOS ESPAÇOS PÚBLICOS E EQUIPAMENTOS DE USO  
COLETIVO**



**GALLO, Douglas<sup>1</sup> LOGSDON, Louise<sup>2</sup>**

*(<sup>1</sup>Arquiteto e Urbanista, doutorando em Urbanismo – PROURB/UFRJ, Docente no Instituto Federal de São Paulo, douglas.luciano@yahoo.com.br, <sup>2</sup>Arquiteta e Urbanista, doutoranda em Arquitetura e Urbanismo – IAU/USP, Docente no Instituto Federal de Mato Grosso, louise.logsdon@gmail.com)*

**Resumo:**

O conceito de espaço público é relativamente recente, nos séculos XVII a XIX quando se fala em vida familiar, em vida privada, ou no alojamento, nunca se lhe opunha uma noção genérica de espaço público, mas sim a rua, a praça, as igrejas, os jardins, os mercados, as feiras, as festas e as manifestações. A expressão “espaço público” surge pela primeira vez na França, em meados dos anos 70. Apesar do termo ser recente, ele designa espaços e intervenções que não são inteiramente novos. Os usuários do espaço público o privatizam por meio de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis. O espaço público transforma-se, portanto,

em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. Estes usuários contribuem assim para a amplificação da esfera privada no espaço público, fazendo emergir uma sorte de estranhamentos mútuos de territórios privados. Este trabalho tem como objetivo identificar a percepção dos moradores de diferentes regiões do município de Cuiabá em relação aos espaços públicos e equipamentos comunitários existentes em seus bairros. O estudo foi realizado por meio de questionário estruturado aplicado a uma amostra de moradores e transeuntes que se encontravam na região central de Cuiabá. A variável principal foi a percepção dos moradores em relação aos espaços públicos e equipamentos comunitários presentes no bairro. Os moradores foram questionados abertamente sobre quais os espaços de uso público e equipamentos comunitários existentes em seu bairro, as questões foram abertas para não influenciar na percepção dos mesmos em relação aos espaços. Foram investigados também quais os locais preferidos para o encontro entre vizinhos e familiares e quais os motivos que os levaram a escolher o local de moradia bem como as características que os incomodavam no bairro em questão. Considera-se de grande importância analisar os espaços públicos na cidade contemporânea, particularmente nos casos dos conjuntos habitacionais, pois estes são muitas vezes os únicos locais de lazer e sociabilidade dos moradores, bem como contribuem para a melhor ambiência da cidade. Ao obter relatos dos moradores sobre sua percepção em relação aos espaços públicos e equipamentos comunitários nos conjuntos habitacionais, pode-se inferir sobre sua apropriação em relação aos mesmos e necessidades percebidas.

**Palavras-chave:** Espaços públicos, percepção, equipamentos de uso coletivo, habitação, cidades

## 1. Introdução

O conceito de espaço público remete as ágoras, termo grego que significa “reunir”, muito empregado por Homero para descrever uma reunião de pessoas, sendo característica essencial na constituição dos primeiros estados gregos. Era nesse grande centro de circulação de produtos e ideias que as pessoas de uma mesma comunidade se relacionavam e interagem, independente de haver troca de bens ou não. Nos dias atuais, essa ideia não mudou muito. Praças, parques, ruas, calçadas etc, fazem parte do esquema das cidades sendo impossível haver “cidade” sem espaços públicos.

O conceito de espaço público é relativamente recente, nos séculos XVII a XIX quando se fala em vida familiar, em vida privada, ou no alojamento, nunca se lhe opõem uma noção genérica de espaço público, mas sim a rua, a praça, as igrejas, os jardins, os mercados, as feiras, as festas e as manifestações. A expressão “espaço público” surge pela primeira vez na França, em meados dos anos 70. Apesar de o termo ser recente, ele designa espaços e intervenções que não são inteiramente novos. A problemática dos espaços públicos também resulta de uma transformação das práticas urbanas e dos usos e estatutos dos diversos espaços metropolitanos. A distinção entre público/privado, exterior/interior, coletivo/individual, é reajustada pela desagregação social e funcional dos bairros, pelo aparecimento de novas centralidades, pelas novas sociabilidades, pelo

desenvolvimento dos transportes rápidos, de novas formas de comunicação, pela concessão de vários tipos de obras e serviços públicos e pela utilização quase generalizada do automóvel [1].

Os usuários do espaço público o privatizam por meio de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis. O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. Estes usuários contribuem assim para a amplificação da esfera privada no espaço público, fazendo emergir uma sorte de estranhamentos mútuos de territórios privados. Falta interação entre esses territórios percebidos e utilizados como uma maneira de neutralizar o “outro” em um espaço que deveria ser acessível a todos [2].

Segundo Bauman [3], o espaço social é governado por regras, onde podemos encontrar como atores sociais os próximos e os estranhos, onde quanto mais estranho for o estranho, quanto menos for conhecido, tanto menos confiança tem-se nele. Desta maneira, o espaço social inicia-se na fronteira de vizinhança, que se perde a familiaridade. A cidade é o lugar do mau-encontro e seu espaço físico se organiza de tal forma que estes encontros, quando indesejáveis possam ser evitados. Exemplo disso são as vastas áreas de espaço vazio, feitas para se passar por ela e não estar nelas, usá-las e as vias de circulação, predominantemente ruas, configuradas como espaços de passagem, rápida, de preferência em veículos automotores. O autor ainda faz uma análise, onde caso fosse possível se traçar uma cartografia do espaço cognitivo sobre o mapa da cidade encontrar-se-ia uma figura de arquipélago, e não uma imagem compacta e coesa.

Para Silva [4], atualmente ocorre um esvaziamento do espaço público, ocorrendo uma colonização da esfera pública pela privada, essa nova configuração do mundo fragmentada e mercantilizada são variáveis a ser consideradas. Aqueles que ainda se encontram na rua são considerados gente perigosa, pura e simplesmente, vagabundos, mendigos, sem lar, drogados, ladrões, suspeitos e vadios. Para os inocentes que precisam deixar a segurança sobre rodas dos carros, o autor compara as ruas a florestas, não mais palco; lugar carregado de riscos e não mais oportunidades. A rua, a selva que está lá distante, é o lugar onde a pessoa não deseja ir, escondendo-se em casa ou no carro. O espaço público tem sido não mais a rua, que é vista pelos planejadores urbanos como suporte ao tráfego, conexão.

Considera-se de grande importância considerar e analisar os espaços públicos na cidade contemporânea, particularmente nos casos dos conjuntos habitacionais, pois estes são muitas vezes os únicos locais de lazer e sociabilidade dos moradores, bem como contribuem para a melhor ambiência da cidade. Ao obter relatos dos moradores sobre sua percepção em relação aos espaços públicos e equipamentos comunitários nos conjuntos habitacionais, pode-se inferir sobre sua apropriação em relação aos mesmos e necessidades percebidas.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi identificar a percepção de usuários e transeuntes nos espaços públicos (praças e avenidas) do centro da cidade de Cuiabá, MT. O estudo exploratório foi realizado por meio de questionários que poderiam ser autoaplicados ou por meio de entrevista pelos pesquisadores, de acordo com a preferência do entrevistado. Foram selecionadas duas principais avenidas que delimitam a região central de Cuiabá (Av. Isaac Póvoas e Getúlio Vargas) e nove praças da região (Praças Alencastro, Clóvis Cardoso, Ipiranga, da Mandioca, da República, Rachid Jaudy, Santos Dumont, Oito de Abril e Popular). Os participantes eram abordados nos espaços públicos estudados e convidados a participar da pesquisa de forma espontânea, após serem explicados os objetivos e aspectos éticos da mesma e assinarem um termo de consentimento livre e esclarecido.

## 2. Revisão bibliográfica

Com o crescente desenvolvimento urbano atual, os espaços públicos ganham maior alcance e presença no cotidiano da população. De acordo com Mello [5], os espaços públicos são valores culturais que influem, consciente ou inconscientemente, na interação da população com o seu entorno, nas suas ações e reações e mesmo na melhoria da sua qualidade de vida.

O espaço urbano é, ao mesmo tempo, fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que em intensidades variáveis. Segundo Corrêa [6], estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos cotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos, às idas ao cinema, igrejas, parques etc.

Em um mundo onde a cultura transformou-se em lazer e diversão, existe uma distância mais social que física, separando os novos equipamentos públicos daqueles com baixo capital escolar, o que mostra que segregação espacial e segregação social nem sempre servem para designar a mesma coisa. A apropriação do espaço inclui o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo e o prazer, que caracterizariam o homem como espontaneidade, como energia vital. Existe uma tendência atual de que os espaços públicos contemporâneos transformem-se em lugares do espetáculo para os habitantes e os visitantes de passagem, a cidade se engajando decididamente nesta produção. No entanto, esta produção de cenários destinados a fascinar os futuros usuários, tornando-se peças publicitárias das administrações locais, não tem relação com as práticas sociais cotidianas, que talvez lhes pudessem conferir algum conteúdo ou significado [2].

Para Canclini [7], cada vez menos as identidades coletivas encontram na cidade seu palco constitutivo, a esfera pública é ocupada por agentes que calculam tecnicamente suas decisões e organizam o atendimento às demandas segundo critérios de rentabilidade e eficiência, numa subjetividade capitalística como proposto por Guattari et al [8]. O mercado reorganiza o mundo público como palco do consumo, as ruas saturam-se de carros, pessoas apressadas para cumprir compromissos profissionais ou consumir uma diversão programada.

No espaço urbano o conjunto de obras e mensagens que estruturam a cultura visual e a gramática de leitura da cidade tem diminuído sua eficácia. Não há um sistema arquitetônico homogêneo e os bairros não possuem mais perfis que os diferenciem e criem identidades legíveis. A falta de regulamentação urbanística e a hibridez cultural de construtores e usuários mesclam estilos de diversas épocas. Essa desarticulação do urbano põe em dúvida que os sistemas culturais encontrem sua chave nas relações da população com um certo tipo de território, num processo de desterritorialização. E é exatamente nessas tensões entre desterritorialização e reterritorialização que se encontra o significado de se estar entrando e saindo da modernidade. Isso ocorre em dois processos: a perda da relação natural da cultura com o território geográfico e social e certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas. A isso se entende como a cultura contemporânea [7].

Para Santos [9], o território é formado por diversas frações funcionais e esta funcionalidade inerente ao território vai depender das demandas em vários níveis, desde o local até o mundial, criando assim os fluxos em função das atividades, da população e da herança espacial. Lugar é um conjunto de objetos (como ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos) que adquire uma auto-

nomia em decorrência das coisas que o formam, porém não possui autonomia de significação, pois diariamente novas funções substituem as antigas. O termo espaço pode ser compreendido, diferentemente de lugar, como uma materialidade constituída de coisas e objetos geográficos, tanto naturais como artificiais, dinamizados pela vida e pelas ações sociais, sendo assim, uma totalidade indissociável composta por um sistema de objetos e ações [10].

A qualidade de vida no meio urbano atualmente se dá pelo ordenamento dos espaços públicos, principalmente nos espaços destinados ao lazer que constantemente devem ser revitalizados.

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1 Caracterização

Foram aplicados 90 questionários nos espaços públicos da região central de Cuiabá - MT, sendo que o universo amostral foi composto por 50 indivíduos do sexo masculino e 40 do sexo feminino. A faixa etária predominante foi a adulta, entre 25 e 60 anos, com 61 % dos entrevistados, sendo que 52% possuíam o ensino médio completo (Tabela 1).

Tabela 1 - Caracterização da população entrevistada nos espaços públicos da região central de Cuiabá-MT

SEXO	masculino		feminino			
	número	frequência	número	frequência	número	frequência
	50	55,56%	40	44,44%		
IDADE	até 25 anos		entre 25 e 60 anos		mais de 60 anos	
	número	frequência	número	frequência	número	frequência
	23	25,55%	55	61,11%	12	13,33%
ESCO-LARIDADE	Ensino fundamental		Ensino médio		Ensino superior	
	número	frequência	número	frequência	número	frequência
	11	12,22%	47	52,22%	32	35,56%
TOTAL					<b>90</b>	<b>100%</b>

Observou-se que, embora a naturalidade mais frequente entre os entrevistados seja a cuiabana (46%), a maioria é originária de fora da cidade, evidenciando a forte influência da migração na conformação da população da cidade (Tabela 2). No entanto 70% dos entrevistados (63 pessoas) residem em Cuiabá há mais de 15 anos, enquanto 11,11% está na cidade entre 10 e 15 anos, 6,67% entre 5 e 10 anos e apenas 12,22%, ou seja 11 pessoas, residem na capital matogrossense há menos de 5 anos. Desta forma boa parte dos entrevistados já passaram tempo suficiente para criar vínculos com a cidade e portanto se apropriar dos seus espaços.

Tabela 2 - Naturalidade dos entrevistados nos espaços públicos da região central de Cuiabá-MT

Naturalidade	Número	Frequência
Cuiabá/MT	42	46,67%
Interior do Mato Grosso	23	25,56%
Outros Estados da Federação	24	26,67%
Outros países	1	1,10%
	<b>90</b>	<b>100,00%</b>

Os entrevistados também foram questionados em relação a qual o meio de transporte que costumam utilizar para se deslocar pela cidade, observou-se que a maioria se desloca utilizando-se do transporte público (no caso da cidade de Cuiabá apenas o ônibus é o modal de transporte público disponível), seguido muito de perto pelo automóvel particular (Tabela 3).

Tabela 3 - Meios de transporte mais utilizados pelos entrevistados para se deslocar pela cidade de Cuiabá-MT

LOCOMOÇÃO	Número	Frequência
Ônibus	47	43,93%
Automóvel	45	42,06%
Motocicleta	5	4,67%
Bicicleta	3	2,80%
A pé	7	6,54%
<b>TOTAL</b>	<b>107</b>	<b>100,00%</b>

Outros meios de transportes mais sustentáveis como a caminhada e a bicicleta têm um uso ainda irrisório, especula-se que possa estar relacionado à ausência de ciclovias, clima muito quente e deficiência de sombreamento nas calçadas, além das grandes distâncias entre os bairros mais periféricos e o centro da cidade, fruto de processos de urbanização e segregação espacial da cidade. Importante lembrar que os entrevistados podiam escolher mais de um meio de locomoção, o que evidencia o total de resposta superior ao número de entrevistados.

### 3.2 Percepção das qualidades dos espaços públicos

Na Tabela 4 encontram-se os dados referentes à percepção dos usuários e transeuntes dos espaços públicos pesquisados na região central de Cuiabá - MT. São apresentados dados quantitativos sobre como os indivíduos percebem e consideram qualitativamente os espaços nos quais se encontravam no momento da entrevista.

Os dados foram categorizados em cinco níveis de percepção: excelente, bom, médio, ruim e péssimo, podendo assim exprimir suas opiniões em relação à qualidade do calçamento das praças e das calçadas das avenidas; como consideravam as ruas do entorno da praça e das avenidas para os usuários de automóveis; como eram os acessos ao transporte público; e como consideravam o conforto térmico dos espaços, especialmente no que se referia ao sombreamento proporcionado pela arborização.

Tabela 4 - Percepção dos usuários e transeuntes em relação aos espaços públicos da região central de Cuiabá-MT

Percepção		Como você considera o calçamento	Como você considera a rua?	Como você considera o acesso ao transporte público?	Como você considera a arborização e o sombreamento?
<b>Excelente</b>	Núm.	2	4	2	13
	Freq. (%)	2,22	4,44	2,25	14,77
<b>Bom</b>	Núm.	34	49	44	48

<b>Médio</b>	Freq. (%)	37,78	54,44	49,44	54,55
	Núm.	29	17	22	13
<b>Ruim</b>	Freq. (%)	32,22	18,89	24,72	14,77
	Núm.	14	17	10	12
<b>Péssimo</b>	Freq. (%)	15,56	18,89	11,24	13,64
	Núm.	11	3	11	2
<b>TOTAL</b>	Freq. (%)	12,22	3,34	12,35	2,27
	<b>Núm.</b>	<b>90</b>	<b>90</b>	<b>89</b>	<b>88</b>
	<b>Freq. (%)</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Em relação ao calçamento das praças e das calçadas lindeiras às avenidas pesquisadas, a maioria dos usuários e transeuntes (37%) perceberam como em bom estado, quando perguntados em relação ao conforto, seja este por apresentar continuidade, clareza e acessibilidade ao pedestre. As ruas, espaços reservados aos veículos automotores, também foram percebidas como de boa qualidade por mais da metade dos entrevistados (54%).

Em relação aos acessos de ônibus, questionou-se se estavam satisfeitos com a proximidade dos pontos, a existência de abrigos contra intempéries, bem como os itinerários dos ônibus das proximidades e a quantidade de ônibus que acessavam o local. Quase metade dos entrevistados (49%) considerou o acesso ao transporte público bom, o que era esperado já que a área de estudo é a região central da cidade, onde comporta grande diversidade de comércio e serviços da capital, sendo referência para todos os cidadãos.

Em relação ao conforto térmico, foi interrogado como os usuários e transeuntes consideravam a arborização urbana, responsável por sombreamento dos espaços. Ao analisarmos os dados consolidados vemos que a maioria considera como boa a arborização (54%), o que pode se dar pelo fato de as praças serem tradicionalmente áreas verdes no Brasil, porém neste aspecto. A observação local das avenidas demonstra uma deficiência grande de arborização de acompanhamento viário, assim sendo, optou-se por tratar estes dados separadamente (Tabela 5). Ao analisar separadamente as avenidas vemos que mais da metade das pessoas entrevistadas (52%) consideraram a arborização ruim.

Tabela 5- Percepção dos usuários e transeuntes das avenidas Isaac Póvoas e Getúlio Vargas, Cuiabá-MT

<b>Com você considera a arborização e o sombreamento</b>	<b>excelente</b>	<b>bom</b>	<b>médio</b>	<b>ruim</b>	<b>péssimo</b>	<b>TOTAL</b>
Número	0	4	4	9	0	17
Frequência	0,00	23,53	23,53	52,94	0,00	100,00

### 3.3 Usos e apropriações dos espaços públicos

Ao serem questionados em relação aos usos e interesses que os trouxeram para os espaços públicos em questão (Tabela 6), percebe-se um predomínio na utilização dos espaços para atividades laborais (33%) e para circulação (29%). Tal fato pode ser observado pela localização das praças na região central da cidade, e pelas entrevistas terem sido realizadas, grande parte, no horário comercial. Outros usos que foram relat-

ados pelos entrevistados foram: descanso, estudo, acompanhar outras pessoas, trabalho voluntário, encontrar com outras pessoas, festas, feiras e eventos diversos no local.

Tabela 6 - Atividades e usos que motivaram a presença dos usuários e transeuntes nas praças da região central de Cuiabá-MT

Qual atividade o trouxe até esta praça?	Número	Frequência
Trabalho	33	30,84%
Apenas circulação	29	27,10%
Conversar com as pessoas	16	14,95%
Contemplar/observar a natureza	10	9,35%
Compra	7	6,54%
Praticar atividades físicas	2	1,87%
Brincar	1	0,93%
Outras	9	8,42%
<b>TOTAL</b>	<b>107</b>	<b>100,00%</b>

Como as avenidas pesquisadas são predominantemente comerciais e de serviços, optou-se por apresentar os dados separadamente (Tabela 7).

Tabela 7 - Atividades e usos que motivaram a presença dos usuários e transeuntes nas avenidas da região central de Cuiabá-MT

Qual atividade o trouxe até esta avenida?	Número	Frequência
Apenas circulação	12	44,44%
Trabalho	12	44,44%
Compras	3	11,12%
Conversar com as pessoas	0	0,00%
Brincar	0	0,00%
Praticar atividades físicas	0	0,00%
Contemplar/observar a natureza	0	0,00%
Outras	0	0,00%
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>100,00%</b>

Os entrevistados também foram solicitados a responder quais as qualidades que percebiam nos espaços públicos, esta era uma questão aberta, os dados foram posteriormente categorizados. Nas praças foram categorizadas qualidades geográficas, sociais, ambientais, funcionais, estéticas e ausência de qualidades. Já nas avenidas as principais qualidades foram funcionais e estéticas, além da ausência de qualidade.

A percepção das praças como ambientes arborizados, ligados à natureza foi muito presente. Ligadas à ideia de sombreamento e tranquilidade, numa cidade com clima tão quente como Cuiabá, as praças são percebidas mesmo como oásis dentro da malha urbana. Suas localizações também foram apontadas como qualidades importantes, bem como o movimento e presença constante de pessoas, trazendo vida e sociabilidade aos espaços. Embora alguns indivíduos tenham uma percepção negativa dos espaços, ou ainda que haja necessidade de melhorias, de forma geral foram bem positivas as características percebidas pelos entrevistados, como pode ser observado na Figura 1.





Figura 1- Qualidades percebidas pelos usuários e transeuntes das praças da região central de Cuiabá – MT

Já nas avenidas, como são espaços mais de passagem e comércio, as qualidades percebidas foram mais relacionados com a função de passagem, de conexão com outros espaços, além da proximidade com comércios e serviços (Figura 2). Como são duas avenidas muito importantes para a cidade, realmente sua característica comercial é muito marcante, facilitando que se tornem locais de passagem, ainda mais quando consideramos que são passeios estreitos e quase sem arborização e locais que não favorecem o encontro, o permanecer.



Figura 2 - Qualidades percebidas pelos usuários e transeuntes das avenidas da região central de Cuiabá – MT

## 4. Conclusões

As percepções dos sujeitos desta pesquisa demonstram, num primeiro olhar como as pessoas são atraídas pelos espaços livres, especialmente áreas verdes e praças, mesmo que deles não se apropriem efetivamente. Os espaços públicos observados neste estudo estão localizados numa região central da cidade, com grande movimento de pessoas de passagem, e servem muitas vezes como suspiros no cotidiano da cidade contemporânea.

Atualmente observa-se um esvaziamento do espaço público, ocorrendo uma colonização da esfera pública pela privada, essa nova configuração do mundo fragmentada e mercantilizada são variáveis a ser consideradas. O espaço social é governado por regras, onde podemos encontrar como atores sociais os próximos e os estranhos, onde quanto mais estranho for o estranho, quanto menos for conhecido, tanto menos confiança tem-se nele. Desta maneira, o espaço social inicia-se na fronteira de vizinhança, que se perde a familiaridade.

No espaço urbano o conjunto de obras e mensagens que estruturam a cultura visual e a gramática de leitura da cidade tem diminuído sua eficácia. Não há um sistema arquitetônico homogêneo e os bairros não possuem mais perfis que os diferenciem e criem identidades legíveis. A falta de regulamentação urbanística e a hibridez cultural de construtores e usuários mesclam estilos de diversas épocas.

Pretende-se com este estudo colaborar na compreensão das novas poéticas contemporâneas das cidades, poéticas entendidas como modos de se fazer, ou seja, novos modos de se fazer a cidade. Estudos futuros poderiam investigar a apropriação dos espaços públicos nos bairros mais residenciais, buscando entender qual a relação da vizinhança com estes espaços.

## 5. Agradecimentos

À CAPES pela bolsa de doutorado, às direções dos Instituto Federal de São Paulo (campus Registro) e Instituto Federal do Mato Grosso e aos alunos de iniciação científica pelo auxílio no trabalho de campo: Matheus Daron, Wisllan Batista, Mariana Betin, Lucas Gonçalves e Daniel Ferreira.

## Referências Bibliográficas

- [1] Matos, F. L. Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades – o caso da cidade Porto. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*, 2(4), p. 17-23, 2010.
- [2] Serpa, A. *O espaço público na cidade contemporânea*. Contexto, São Paulo, 2014.
- [3] Bauman, Z. *Ética pós-moderna*, Paulus, São Paulo, 1997.
- [4] Silva, F. F. A. *Novas subjetividades subalternas na cidade: cultura, comunicação e espacialidade*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo, 2011.
- [5] Mello, N. A. *Gestão Urbana e qualidade de vida*. In: Tauk-Tornisielo; et al. *Análise ambiental – estratégias e ações*, T. A. Queiroz, São Paulo, p. 193-197, 1995.
- [6] Corrêa, R. L. *O espaço urbano*. Ática, São Paulo, 1989.

- [7] Canclini, G. N. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, EdUsp, São Paulo, 2013.
- [8] Guattari, F.; Rolnik, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*, Vozes, Petrópolis, 2000.
- [9] Santos, M. *Espaço e método*, Nobel, São Paulo, 1985.
- [10] Santos, M. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*, Hucitec, São Paulo, 1988.

## Notas Bibliográficas e fotografias

**Douglas Gallo:** Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestre em Saúde Coletiva (bolsa CAPES) e doutorando em Urbanismo (bolsista CAPES) onde desenvolve projeto de tese estudando a Qualidade de Vida Urbana e as relações entre Políticas Públicas, Promoção da Saúde e Cidades Saudáveis. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Registro (IFSP) e líder do Grupo de Pesquisa cadastrado junto ao CNPq – VivaCidades: estudos em habitação, espaços públicos e cidades.

**Louise Logsdon:** Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), mestre em Arquitetura e Urbanismo (bolsa CAPES) e doutorando em Arquitetura e Urbanismo onde desenvolve projeto de tese estudando Habitações de Interesse Social e o desenvolvimento de instrumentos para o projeto. É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) e líder do Grupo de Pesquisa cadastrado junto ao CNPq – VivaCidades: estudos em habitação, espaços públicos e cidades.